

Meu destino exótico



TÉRCIA MONTENEGRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: lelivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Meu Destino Exótico

Tércia Montenegro

Copyright © 2013, TÉRCIA MONTENEGRO

ÍNDICE

AS RELÍQUIAS

O LUGAR DOS DEUSES

A CASA DE KAHLO

OS MÚSICOS DE DENVER

ESTOCOLMO

OS MISTÉRIOS

MEU DESTINO EXÓTICO

O TURISTA DEPREDATÓRIO

O COMÉRCIO DO MEDO

CARNAVAL NA UCRÂNIA

SALTOS DO PARANÁ

UMA SEMANA EM SAMPA

DESCULPAS ESFARRAPADAS

O ESPETÁCULO DA MORTE

TATUAGENS SECRETAS

NÃO IRRITE UM CROATA

VELHOS CASAIS

AMOR EM EXCESSO

CRÔNICA DE JERI

SÓSIAS

O QUE ELAS QUEREM

TODOS OS SANTOS

AS ILHAS

JANTAR COM BRECHT

AS RELÍQUIAS

No meu último dia em Jerusalém, um comerciante na Via Dolorosa ofereceu-me a réplica de uma coroa de espinhos. Durante a viagem, eu já havia recusado miniaturas da torá, turíbulos gregos, cruzes, lapinhas e candelabros. Toquei a coroa: tinha um diâmetro pequeno demais. Pensando que eu analisasse a qualidade do produto, o vendedor entusiasmou-se, num inglês sôfrego:

– É uma réplica autêntica! Pode levar!

Eu não ia discutir a autenticidade de nada daquilo, muito menos de uma réplica. Além do mais, meu ônibus estava saindo – mas o comerciante ainda veio me oferecer solidéus em muitos modelos, de cetim, algodão, veludo...

– Não tenho familiares judeus – disse, sem muita convicção, porque no Brasil a gente nunca tem esse tipo de certeza. Escapei rumo ao ônibus, e por um instante meu guia e o vendedor fizeram gestos simétricos, cada qual em seu extremo. Um gesto de chamado, busca; tudo era comércio da mesma forma. Eu não esquecia o que a professora de Honduras, companheira de excursão, dissera, logo no princípio do passeio:

– A segunda maior atividade de Israel é o turismo. Este é um país riquíssimo, você percebe.

Eu ia percebendo. Fosse no kibutz onde fiquei hospedada, em luxuosas instalações que nem de perto davam a sensação de que eu dormia numa colônia agrícola, fosse no próprio aeroporto de Ben Gourion. O nome desta edificação tão nova quanto imponente confirma o orgulho que certos judeus têm da memória de seu bélico primeiro-ministro. Sim, porque a maior atividade de Israel é a indústria de armas. Por aqui, adolescentes em serviço militar desfilam com seus rifles, e podem levar as armas para casa. Nas praças e nos mercados, garotas de rabo-de-cavalo fumam, enquanto

olham as pessoas. Eu quase consigo esquecer que elas estão de botas, uniforme e rifle.

O guia continua a indicar as relíquias de sua terra, o solo sagrado. Comenta a guerra contra os sírios, a disputa de territórios, e leva o grupo turístico a ver um terreno cercado e inútil, polvilhado de minas. Quando aponta uma casa semidestruída por um míssil, muitos passageiros se acumulam para fotos, na janela do ônibus. Até a professora de Honduras está lá, inclinada, em busca de um ângulo rápido. Não me mexo no assento. Penso nas paisagens bíblicas, devastadas, e nas indústrias de lapidação de diamante, as maiores do mundo. Tento imaginar que os beduínos talvez pudessem visitar os Jardins de Bahai, ou pescar no rio Jordão. Quem sabe as mulheres muçulmanas despissem o hijab – lenço islâmico – para molhar os cabelos no Mar Morto...

Quero me convencer de que meu exercício de imaginação, mais que forçado, é impossível. Mas antes, retiro do bolso o chaveirinho de camelo que afinal comprei em Jerusalém. Por um segundo, acredito que seja fácil que ele passe pelo buraco de uma agulha.

06/02/2008

O LUGAR DOS DEUSES

Atraída pelas palavras mágicas, tomei o caminho de Ecatelpec, para chegar a Teotihuacán. O México me ensinou que a arqueologia é uma prática de encantos: restaura o passado para ativar um tempo impossível, visível muito além da pedra, dos artefatos ou registros concretos. Esse tempo se consolida nas histórias, nos mitos que justificam as vidas e paixões dos povos.

Pois ali estava eu, num pedaço da Mesoamérica, entre suas pirâmides reconstruídas. Tentava escapar dos ambulantes que vendiam colares, flautas ou estatuetas em obsidiana, sentindo-me tão deslocada quanto qualquer turista em solo sagrado. Eu me concentrava nas narrativas, apesar de toda a agitação comercial – e houve um momento em que pensei ver, nos resquícios milenares daquela arquitetura, a justificativa para o nome: “lugar onde os homens se tornam deuses” – Teotihuacán, na língua náuatle.

Nesse idioma xamânico, também foi batizada uma raça de cães negros, com jeito de escultura. Os xoloitzcuintles, conforme a lenda, ajudavam seus donos a fazer a passagem para o além – daí o seu nome derivar da palavra “xolotl”, que indica o deus da morte. Vi alguns destes belos animais nos jardins do museu Dolores Olmedo. Lola, como era mais conhecida, foi uma grande mecenas da arte mexicana, e hoje sua casa guarda a maior coleção de quadros do Diego Rivera, que, aliás, criava xoloitzcuintles...

E por falar em pintores e museus, o México nesse ponto se torna um país para o êxtase. Além do Rivera, hiperbólico nos murais do Palácio Nacional e do Palácio de Belas Artes, temos Frida Kahlo, Nahui Olin e Remedios Varo, temos Orozco e Roberto Montenegro – sem contar as exposições internacionais, presentes em muitos espaços. Na literatura,

pode-se lembrar Juan Rulfo e Carlos Fuentes, B.Traven e Octavio Paz, fora tantos outros artistas que não caberiam nesta crônica, ainda que ela se transformasse numa simples lista. Mas o México tem muito mais. A criação dos deuses palpita em sua atmosfera, nas ruas em que se apresentam músicos e dançarinos; no rosto de seus habitantes, que repetem feições ancestrais. Pelo metrô, passam dois milhões de pessoas por dia – e a maioria delas tem cabelo liso e olhos rasgados, um sorriso asteca.

Em Teotihuacán, eu compreendi a síntese de uma cultura quando, em meio ao passeio, como que para quebrar o sol inclemente sobre as pedras, caiu um verdadeiro dilúvio. Tudo aconteceu de modo tão repentino e brusco, que parecia um efeito cênico, descontrolado (a natureza se torna verossímil quando manda avisos, pequenas doses de desastre).

Sem maneira de se abrigar, as pessoas corriam em muitas direções. Algumas procuravam um teto inexistente, um toldo anexo às pirâmides. Como boa cearense, eu me alegrei com a água e fiz uma reverência a Tláloc, deus da chuva. Não foi dessa vez que ele exigiu sacrifícios, felizmente – e eu deixei o México no dia seguinte, com a alma vibrando de emoção.

01/08/2012

A CASA DE KAHLO

Já comentei na crônica anterior que a Cidade do México é um esplendor em museus – mas, em meio a tantas opções, a Casa Azul (que era residência da pintora Frida Kahlo) ainda se destaca. Faz toda a diferença andar por um ambiente que foi habitado pelo próprio artista, mesmo que na maior parte dos espaços hoje se perceba um “arranjo” artificial, criado para expor os objetos, e não mais para desfrutar deles. Na verdade, o único aposento que parece ter sido realmente mantido, em composição e atmosfera, é o estúdio onde Frida pintava. Uma placa na parede confirma o pressentimento: todos os móveis, com estantes de livros, cavalete, espelho, estão ali exatamente como no passado. Vemos os pincéis e as tintas (guardadas em frascos de perfume), tudo paralisado numa expectativa inútil – e a cadeira de rodas, um corpete que Frida usou, depois de várias cirurgias... O ateliê vibra de luz e dor, com janelas abertas para o jardim.

A essa altura do percurso, passamos pelos quadros e desenhos famosos, vimos a lareira que Diego Rivera mandou construir para a sala principal e descobrimos um acervo de ex-votos pintados em chapas de alumínio, que se mandava fazer pelo alcance de uma graça. Frida colecionava essas relíquias de arte popular, assim como também guardava inúmeras bonecas numa escrivaninha. Cada quarto estava repleto de gente, turistas lentos e silenciosos, provavelmente tão impressionados quanto eu. Porque é quase um ato profano, ingressar na intimidade doméstica de quem se admira e não se conhece – ainda mais em outra época, póstuma. Frida não tem como fechar as portas, defender-se do olhar invasivo de estranhos que sondam sua existência talentosa e trágica. Sua presença ronda os objetos que lhe sobreviveram, está fragmentada na memória de todas estas peças – mas ao mesmo tempo se distorce, com a lojinha de *souvenirs* e a escultura dela e Diego como esqueletos, num senso de humor bizarro. São

as exigências do turismo, dirão alguns, e eu não posso negar. Estes elementos lembram que a Casa Azul, afinal, não é mais uma casa...

Talvez o verdadeiro refúgio de Frida, o núcleo onde ela ainda se mantém discreta e preservada, esteja no último quarto. Em meio à mobília e tantos acessórios de decoração, sobre uma mesa está sua urna funerária, em formato de sapo. Os antigos *mexicas* acreditavam que este animal tinha comunicação direta com o inframundo, por sua capacidade anfíbia – mas há outra explicação válida. Diego Rivera, marido de Frida, também era conhecido pelo apelido de *sapo*, por sua aparência gorda, de olhos saltados. Para as cinzas de uma mulher que viveu sempre desconfortável no próprio corpo, não pode haver descanso melhor que uma urna no formato do homem que ela amava.

15/08/2012

OS MÚSICOS DE DENVER

Na sequência da viagem ao México, arrisquei-me pelos Estados Unidos somente para pisar em Denver, terra dos *beats*. Mas o grande motivo não era palmilhar trilhas de artistas boêmios e santificados pelo delírio aventureiro, como Kerouac. Eu pesquisara sobre um local esquisito, chamado *The cage's sounds*, uma espécie de viveiro para aves adestradas, que ali interpretam artistas famosos. Cada pássaro imita um instrumento, conforme sua predisposição natural. Um deles, por exemplo, garante o som de trompete ao estilo de Andy Diagram, da clássica banda dos anos 80 *The Pale Fontains*. Há ainda guitarras idênticas às de Blixa Bargeld, do *The Bad Seeds*, além do baixo pulsante de Sooyoung Park, da *Bitch Magnet*, e piano igual ao de Keith Jarrett. Tudo isso em Denver, cidade mágica para os bichos musicais, quase como aquela outra, Bremen, da fábula milenar...

Com tanta propaganda, eu e o amado consideramos aquela atração irresistível. Chegamos bem cedo; *The cage's sounds* mal havia começado a formar uma fila de espectadores diante da sala onde aconteciam as audições. O programa do dia anunciava um pássaro que imitaria o vocal sibilante de Jónsi, do *Sigur Rós*, por dez minutos, e em seguida um outro, disposto a fazer o som do baterista John Ribombayne, da banda *Baú Metálico*, por quinze minutos.

O sol estava a pino, e certamente iríamos esperar um bocado na fila, contando com o horário previsto e os naturais atrasos dos “artistas”. Aliás, eu começava a pensar nos detalhes daquele show – como seria convencer os pássaros a iniciar uma canção? Será que havia maestros dando a “deixa”, ou músicos humanos acompanhando o instrumentista principal? Sobretudo, eu me preocupava com o método de adestramento, inegavelmente torturante, com um bicho condenado a ouvir milhares de vezes certa música, até conseguir cantá-la. E quando ele errava, ou esquecia

uma parte – o que o seu treinador fazia? Eu repassava mentalmente relatos de Skinner e Pavlov, sob o calor escaldante. Enquanto isso, dúzias de crianças corriam ou plantavam bananeira nas imediações; elas prometiam um público inquieto, entrando na sala junto com seus pais, aquelas duplas de americanos rosados, suando em bagas, sob chapéus e bonés.

Imaginei que era o efeito de uma desidratação alucinante, quando ouvi o amado dizer: “Vamos embora”. Afinal, era *ele* o principal interessado naquele espetáculo de homenagem musical; *ele* colecionava os vinis, pôsteres e versões de todos aqueles artistas, tocadas em aparelhos de som sensibilíssimos... Se havia alguém capaz de ouvir os pássaros e julgá-los em sua fidelidade sonora, era ele – e, de repente, estava desistindo? Por qual motivo? Achei que fosse ouvir algo sobre o calor ou o tempo de espera, mas o amado apontou um detalhe no programa musical. Ali estava a informação de que Ribombayne era inglês, e não irlandês, conforme fiquei sabendo. Um erro desse tipo punha tudo em descrédito – e assim deixamos Denver e seus pássaros, numa frustração de turistas que atravessam um deserto.

29/08/2012

ESTOCOLMO

Não, esta não é outra crônica de viagens – embora eu deseje, claro, conhecer a “Veneza do Norte” e algum dia, quem sabe... Mas hoje o tema vem sugerido por um velho episódio policial: o Assalto de Norrmalmstorg. Em 1973, bandidos suecos mantiveram, durante seis dias, vários reféns num banco – e o resultado foi que, após a liberação, as vítimas se mostraram solidárias com os agressores, recusando-se a incriminá-los. Desde então, os psicólogos adotaram o termo “síndrome de Estocolmo” para validar um comportamento de identificação emocional que pode ser extremo.

Recordo esses fatos por causa de amigos que me contam histórias curiosas. A tal síndrome surge em muitas delas, como um sinal de carência comovente. De que outra forma poderíamos entender a solidão de D. Matilde, uma senhora de 80 anos que foi esfaqueada na Beira-Mar por um menino e, ainda a caminho do hospital, mostrou-se interessada pelo destino do infrator? Ela citava aos paramédicos uma série de instituições de proteção à infância delinquente, enquanto eles tentavam estabilizar as hemorragias.

Mal abandonou os curativos cirúrgicos, D. Matilda procurou a polícia para saber o paradeiro do menino. Conseguiu adotá-lo após uma enorme burocracia, e pode-se dizer que viveu feliz com ele, até que o garoto voltasse às drogas e vendesse todos os eletrodomésticos da casa para gastar no vício. A velhinha não tinha condições financeiras de repor os objetos, então se acostumou a viver sem telefone, geladeira, fogão, rádio, TV e secador de cabelo – mas aí o menino, dizem que já “acostumado com as mordomias”, declarou que não havia sido adotado para morar num lugar sem máquina alguma e, sendo assim, voltava à rua, onde pelo menos era livre.

Mais um episódio de carência e solidão ocorreu no ano passado, quando uma brasileira em viagem foi sequestrada por um beduíno egípcio. Ela ignorou as motivações políticas do ato, para interpretá-lo de um modo lírico. Apaixonou-se pelo rosto moreno, o turbante claro, os muitos panos que cobriam aquele corpo masculino. Ficou profundamente desapontada quando o beduíno a soltou, após negociações diplomáticas. Para falar a verdade, ele teve de amarrá-la no deserto, para não ser seguido pela moça inconformada. Não foi, portanto, um sinal de crueldade, a forma como a brasileira foi descoberta, com pernas e braços atados. Dizem que até hoje a jovem pede para dormir assim, presa por cordas: ainda sonha que o beduíno vem buscá-la.

A síndrome de Estocolmo rende histórias de amor – nem todas fracassadas, como as que vimos aqui. Há casos em que agressor e vítima se completam numa relação indestrutível, apesar de doentia. Em homenagem a esses afetos estranhos, escolho uma trilha sonora adequada. Termino esta crônica ao som de Muse, com o impacto da sua “Stockholm Syndrome”: *This is the last time I'll abandon you/ And this is the last time I'll forget you/I wish I could...*

12/09/2012

OS MISTÉRIOS

Todo criador de uma obra artística tem diante de si inúmeros componentes secretos por desvelar. Isso ocorre no instante decisivo de uma fotografia, que surge como num milagre (quase do mesmo modo com que surgem as palavras, para o laço do texto literário). Ocorre também na forma escondida sob a matéria-prima da escultura ou da tinta, ou nos sons ainda não modulados em música, nos movimentos que depois se transformarão em dança... Em qualquer arte existe uma zona misteriosa, não formulada racionalmente. Os pesquisadores constroem depois teorias e pensamentos em torno do ofício criador: algumas dessas questões são originais, inteligentes, científicas; outras não passam de meras curiosidades ou palpites.

Entretanto, por mais que as reflexões se tornem interessantes, insubstituível *mesmo* – e relevante – é sempre a arte. E há momentos em que se deve admitir que ela (não apenas como processo, mas também como produto) permanece com suas áreas inexplicáveis. Uma obra acabada não se submete a fórmulas ou expectativas, não se molda em previsibilidades. Este é, verdadeiramente, o seu ponto singular, nunca a sua fragilidade.

Costumo remoer tais ideias quando, na posição de apreciadora, caio na tentação de classificar meus sentimentos ou juízos diante de um espetáculo, uma pintura ou um filme. A tendência racionalizante é o grande vício humano, e eu tento experimentar às vezes o caminho contrário, de um olhar inocente, um contato que seja pura fruição. Ora, esse exercício tem me alertado para a necessidade de descartar explicações artísticas inclusive para as obras que tento fazer.

Sinceramente, nunca escrevi ou fotografei com o que se pode chamar de postura técnica. A paixão me domina, na hora de criar. A “frieza” profissional é posterior, no trabalho com diferentes versões,

revisões, escolhas – e é óbvio que essa etapa é importantíssima, para amadurecer e consolidar o que se pretende. Entretanto, mal o processo termina, já me dedico a um novo projeto, um outro arrebatamento. A incerteza desse percurso é, talvez, o traço mais atraente e vertiginoso, aquilo de que não abro mão – e jamais abrirei.

A teoria pode ter prestígio e interesse para certas horas ou finalidades, mas somente o impulso prático inventa desafios. Quando um pensamento ou estilo estagna, isso pode parecer confortável, à primeira vista. Dá a impressão de um objetivo alcançado – mas essa é uma ilusão nociva. Torna-se estéril todo artista que adota uma fórmula ou molde para encaixar produtos autômatos, livres de dúvida e sofrimento criador. Da mesma forma, para o público, perde-se o impacto, quando se tenta substituir uma obra por sua intencionalidade. A velha pergunta sobre “o que o autor quis dizer” esconde, em nome de um simplismo tranquilizador, a mutilação de todas as riquezas que não podem ser traduzidas ou expressas *a não ser daquela maneira* que o autor adotou.

Estou convencida de que, no território das reflexões, nada é mais danoso que um raciocínio fechado, cem por cento correto – assim como, em arte, nada é mais descartável que uma obra sem mistérios.

26/09/2012

CRÔNICA DO RIO

No caminho de volta para Fortaleza, soube que não tinha aproveitado um décimo do que a cidade podia oferecer. O tempo escasso cortou minhas programações impiedosamente, e assim eu deixei o Corcovado, a Academia Brasileira de Letras, o Theatro Nacional, a Quinta da Boa Vista e o Zoológico para outra vez. Passeios pela Lapa, por Santa

Teresa, Leblon ou Laranjeiras também entraram na lista futura – mas o pior foi saber que, por um medonho erro de comunicação, não vi o amigo Silvestre, chegado ao Rio de última hora, para um encontro com Oscar Niemeyer! Amaldiçoei todas as companhias telefônicas do país e pus-me a refletir sobre o que, afinal, eu tinha feito nessa primeira estada no Rio de Janeiro.

Já no voo de ida começou a aventura, quando uma comissária de bordo sofreu assustadoras crises de labirintite ao servir as refeições. Mais tarde, eu tentaria compensar aquele sanduíche com um jantar no Lamas, *point* intelectual desde o século XIX. Na categoria de bares históricos, no dia seguinte conferi o Amarelinho, em frente à Biblioteca Nacional, e reparei que os seus garçons pareciam todos sofrer de um certo grau de icterícia. Mas nada se compara ao restaurante A Polonesa (experimente *gołąbki* ao som de Chopin e diante de uma foto do Castelo de Wawel) ou à Confeitaria Colombo (onde devemos saborear profiteroles – a sobremesa favorita de Rui Barbosa).

Consegui visitar a Biblioteca e o Museu de Belas Artes, com sua impressionante coleção. E vi uma peça com Luís Melo, a excelente “Ausência”, no Sesc Ginástico. Entretanto, para que não digam que só me interesse por comida e arte, confesso que suspirei diante da paisagem. Posei para fotos em praias, calçadas e morros. Em Copacabana, encontrei um “artista da areia” prodigioso, embora excessivamente eclético: ao lado de palmeiras e cristos redentores, ele esculpia um rosto muito parecido com o de Rubem Fonseca... No Jardim Botânico, tive os maiores encantos – além das orquídeas e bromélias, vi a exuberante sumaúma, árvore de Tom Jobim. Bem perto do chafariz, ainda havia o curioso tronco oco onde D. João VI se escondia, sempre que tinha pesadelos com Napoleão.

Mas talvez o passeio para Niterói, rumo ao Museu de Arte Contemporânea, tenha sido o mais intrigante, pela tábua de restrições fixada na balsa. “Proibido cantar e fazer pregações religiosas” e “proibido jogar pôquer dentro do navio” eram exemplos do caráter carioca? Preferi achar que não – e também olhei para o outro lado, ignorando as manchas de óleo na Baía da Guanabara. No último dia de viagem, eu já não veria muita coisa, literalmente. Um pombo roubou os meus óculos, no Largo do São Francisco; saiu voando com a armação entre as garras, e por pouco não fiquei caolha como a estátua de Camões bem pertinho dali, no Real Gabinete Português de Leitura. Voltei míope e arranhada, mas decidida a

retornar. O Rio de Janeiro merece novos roteiros e emoções, e estarei preparada!

10/10/2012

MEU DESTINO EXÓTICO

Funcionou assim: durante seis meses, fiz circular pela internet uma carta-convite, propondo às pessoas que me contassem um destino exótico que tivessem adotado – e isso poderia significar uma simples expedição ou todo um estilo de vida, com as consequências imagináveis. Como tudo o que é virtual escapa ao controle, essa proposta ganhou mundo e acabei recebendo mensagens de gente que nunca vi. Aqui vão alguns desses relatos, com nomes fictícios, para não ferir sensibilidades.

Spitsbergen é uma ilha ártica pertencente ao território norueguês, uma das poucas habitadas, no arquipélago das Svalbard. Para ali viajou a artista plástica Mimi Al Xantz, e não somente para ver de perto os fiordes e geleiras. Ela tinha o objetivo de esculpir figuras abstratas no permafrost, embora suas intervenções quase não se distinguissem das imagens naturalmente criadas ali. Entretanto, Mimi ganhara uma bolsa de pesquisa internacional com esse projeto, e ela teria levado a cabo sua experiência, se não tivesse ficado traumatizada após a perseguição de uma raposa-polar. Mimi fugiu do bicho e da própria Spitsbergen, para nunca mais voltar.

Destino exótico (e permanente) teve o desempregado Asdrúbal Havin, que depois de uma epifania largou a família e assumiu um comportamento messiânico. Seu grande desejo era pegar um trem para Astápovo, a estação ferroviária onde morreu Tolstói. Não sei se ele economizou o suficiente para chegar à Rússia, mas faz um bom tempo que desapareceu e já não manda notícias.

Ambição menor, porém igualmente esquisita, foi a do engenheiro aposentado J. P. Freitas, que investiu todas as finanças que possuía na construção de um gabinete de figuras de ceras. Dizem que o local é bem organizado: as figuras, todas de políticos brasileiros, são

verossímeis e até assustadoras. Entretanto, o gabinete vive às moscas, porque os habitantes de Caracará, onde ele foi instalado, jamais o visitam.

No âmbito do esporte, há muitas histórias de proezas – mas creio que me enviaram somente as inúteis, mostrando indivíduos engajados num treinamento descomunal para se tornarem os bilionésimos a bater determinado recorde. Um exemplo disso está em Patrick, jovem cearense que encontrou sua maior pretensão atlética na escalada do monte Kosciuszko, na Austrália. Seus amigos o advertiram de que qualquer aborígene fazia aquilo com um pé nas costas, mas Patrick chamou a todos de invejosos. Enfrentou dietas, exercícios e uma viagem longuíssima: rompeu um tendão do tornozelo nos 200 metros iniciais de subida e, de tão humilhado, virou clandestino, sem coragem de voltar para o Brasil.

Recebi outros relatos que também merecem entrar numa página; são inspiradores – nem que seja para a gente ficar quieta e satisfeita com o destino que Deus nos deu. Quem sabe em outra crônica eu volte a esse tema... Até lá, continuem enviando suas histórias!

24/10/2012

O TURISTA DEPREDATÓRIO

Apesar de ver muitas considerações sobre o turismo feitas em livros, reportagens ou textos de aventura, o assunto me parece inesgotável. Lembro que anos atrás eu e meu amigo Juva tentamos elaborar o “Decálogo do perfeito turista” enquanto rodávamos a caminho de Mafra. “O turista não vê, fotografa”, propôs ele, ironizando o meu hábito de estar sempre com a câmera ligada. “O turista segue as setas”, continuei, apontando para a sinalização na estrada – e assim nos divertimos, criando uma lista que nunca chegou a terminar.

Recentemente fui levada a refletir sobre o “turista depredatório” – categoria que se define por *depredar* monumentos, obras históricas ou tesouros de nações alheias, sendo este o seu principal objetivo nas excursões mundo afora. O amigo Renato me falava disso a propósito de uma pessoa, que certa vez roubou ossos sírios de um cemitério bizantino, para usá-los como amuleto. Em troca, contei-lhe uma cena ocorrida em Jerusalém: apesar das proibições do guia, interditando qualquer proximidade com as árvores sagradas, vi um homem arrancar um ramo de oliveira, e de modo tão excitado como se estivesse roubando o diamante Orloff.

Quando se trata de elementos da natureza, aliás, esse turista parece que se torna *superdepredatório*. Os sistemas de segurança ao ar livre são ineficazes; não há como instalar sensores, redes de choque ou barreiras para impedir que conchas, torrões de areia ou cascas de tronco sejam surrupiados. Mas quem se importa com essas coisas? – indagará alguém. O turista depredatório – garanto. Embora ele encontre idênticos produtos no próprio país, acredita que *aquela folha específica*, dos Jardins de Dessau-Wörlitz, será diferente de todas as outras. Ele precisa arrancá-la e escondê-la, como um verdadeiro malandro. Quer o *souvenir* gratuitamente, seja

porque sabe que não está à venda (ou, se estivesse, apenas ricos museus conseguiriam comprá-lo), seja porque tem uma tendência cleptomaníaca lá no fundo da alma.

Sem tecnologia para deixar a natureza tão protegida quanto o acervo do Hermitage, os sítios turísticos contam somente com a inspeção humana. E às vezes ela se torna tão minuciosa, movida por um instinto de preservação tão exaltado, que o profissional responsável pela tarefa se torna um guia econazista. Um deles certamente trabalha no Morro do Pai Inácio, na Chapada Diamantina. Lá, em certa ocasião uma inocente francesinha arrancou uma flor e se pôs a brincar com as pétalas. O guia cuspiu-lhe ofensas que ela não entendeu completamente, por causa do idioma – mas o fato é que a francesa acabou por enfiar de novo a florzinha no chão, na tentativa de devolver o objeto que nunca deveria ter tocado.

Renato me falou de outros casos, como o furto a azulejos do século XVIII no Convento de São Francisco, em Salvador, e o roubo de uma pedra da Casa da Torre de Garcia d'Ávila, além da apropriação de seixos pré-históricos em diversos parques nacionais. Ele, que conhece vários turistas depredatórios, já pensa em fazer um estudo sobre a pilhagem como elemento motivador de viagens...

19/12/2012

O COMÉRCIO DO MEDO

Aviso a quem quiser saber que não sou ingênua e leio jornais – portanto, conheço a situação de violência que persegue nossa cidade e, por que não dizer, o mundo inteiro. Sobram casos de agressão, para quem gosta de notícias sangrentas. Mas o problema não está no indivíduo com curiosidade mórbida, que se compraz em chafurdar na angústia (embora os psiquiatras talvez digam que aí existe, sim, um problema); o grande transtorno é a *comercialização do medo*, expressão que já se vê no roteiro do filme *Do mundo nada se leva* – um clássico, sábio como todos os clássicos.

O comércio do medo revelou-se para mim de forma nítida no dia em que fui comprar um carro. A moça da concessionária não ficou satisfeita quando apontei um veículo básico. Insistiu na necessidade de acessórios como rastreadores, travas elétricas, fumê resistente a impacto (e mostrou um vídeo com um suposto assaltante fracassando em atirar contra um carro *bem preparado*). Respondi que nunca tivera essas coisas e não me faziam falta, nada jamais tinha me acontecido. Então a moça pôs as mãos na cabeça: “Porque a senhora é uma abençoada de Deus! Mas e se isso muda? Sem um alarme e um bloqueador, o que a senhora vai fazer?”

Preferi pensar – e nisso não me frustrei – que continuaria sob as bênçãos divinas. Não comprei qualquer dispositivo para pânico em automóveis, e da mesma forma não aceito ofertas de seguradoras que vêm me prevenir (através de funcionários aflitos e supostamente preocupados com minha integridade) a respeito de incêndios em prédios, desastres súbitos que me arruinem a moradia ou saúde, imagine! sem um benefício financeiro para compensar os destroços.

Acho que sou crítica demais e até intolerante com esses profissionais, mas se existe uma coisa que não suporto é a manipulação pelo

medo. Que o comércio seduza por artifícios enganosos, promessas de felicidade e sucesso, vá lá; a gente não se ilude, mas entende que é parte do jogo. Afinal, desde épocas remotas um vendedor exagera ou mente sobre a qualidade de um produto, para conseguir sobreviver no mercado. O que fazemos, porém, nesta época em que cercas elétricas e câmeras “de segurança” vendem muito mais do que livros ou chocolate? Eu lamento pelos escravos do receio, que dizem amém a todos os artifícios – grades, cadeados, fechaduras – que vêm limitar sua leveza de viver. Se o medo é uma reação inevitável diante de ameaças, a forma de controlá-lo não está em qualquer dispositivo ou máquina.

Lembro que, na primeira vez em que vi o mar (eu tinha dois, três anos?), soltei um grito de terror, apavorada com aquela coisa infinita e ondulante – o tipo de grito que depois as meninas só têm permissão para dar diante de baratas, ou dentro de uma história hitchcockiana. Então o adulto que estava comigo (meu pai? minha mãe?) disse, para me acalmar, que o mar não viria atrás de mim: “E você não precisa entrar nele.” Foram as palavras mágicas, que eu agora resgato. Ninguém precisa *entrar* no medo.

30/01/2013

CARNAVAL NA UCRÂNIA

O amigo Urik pensou que eu tinha sido vítima de um sequestro, quando contei que estive em Prudentópolis, no feriado. Ao contrário, viajei por espontânea vontade – garanti – e não poderia desejar um carnaval melhor, justamente por não haver *qualquer espírito carnavalesco* no interior do Paraná. Escolhi Prudentópolis tão logo soube que 81% dos imigrantes ucranianos que vieram para o nosso país se estabeleceram lá: minha paixão pela cultura eslava se eriçou, com a possibilidade de visitar igrejas bizantinas. Em pleno carnaval, eu trocava o som de forró e axé por missas cantadas no ritual de São Crisóstomo; substituiria cerveja ou patinhas de caranguejo pela degustação de perohê, borstch e holopti.

Embarquei para a “terra dos pinheirais” cheia de expectativas – e não me frustrei. Cada detalhe da paisagem, repleta de monjoleiros num terreno ondulado a perder de vista, era motivo de êxtase. As pessoas também – com o seu jeito simples e educado, de rosto muito branco e olhos claros – me fizeram sentir acolhida. “Mas veio de tão longe, fazer o quê?” – perguntavam, com certa vergonha. Quando eu respondia que era escritora, todos ficavam solícitos, emprestando livros, mostrando fotos, documentos. D. Meroslawa Krevei, curadora do Museu do Milênio, transportou-me a 1896, quando chegaram as carroças de Henrique Kremmer, trazendo as primeiras levas de imigrantes eslavos. Em Prudentópolis, eles introduziram as casas de madeira, com lambrequins nas platibandas. Trouxeram o seu bordado típico, seus teares, sua música (com os banduristas, que ainda hoje tocam em festas) e seu idioma que – ai! – durante a época de “nacionalização” imposta por Vargas, ficou proibido. Mas ainda assim os descendentes da Ucrânia tentaram salvar a presença de sua língua no Brasil – e os padres de São Josafat, para burlar a fiscalização (que exigia missas em português), faziam o sermão de joelhos, voltados para o altar.

A Igreja Católica Ucraniana incorporou muitos rituais populares pré-cristãos, como a manufatura de pêsankas (ou pisankas, para os poloneses). Do verbo “pessaty”, que significa “escrever”, nasceu o nome dessa pintura delicadíssima, feita na casca de ovos. Pude conhecer a artesã Vera Daciuk, que me mostrou o processo mágico de primeiro retirar clara e gema por um orifício minúsculo, feito com uma seringa. Depois, o ovo (de galinha, de codorna ou até mesmo de avestruz!) é pintado com cera de abelha em bico de pena aquecido por uma vela, antes de ser repetidamente mergulhado em anelina (uma para cada cor). Na limpeza final, com vinagre, o colorido e os símbolos traçados surgem, como um milagre da arte desenhada num invólucro de vida.

Meu amigo, que não perde jamais uma piada, viu-me cheia de entusiasmo, a falar simultaneamente em igrejas e ovos decorados, e saiu-se com essa: “Parece que nessa missa bizantina, em vez da homilia, eles fazem a omelete!” Foi um trocadilho que sintetiza, à perfeição, as impressões iniciais de quem descobre uma Ucrânia no Brasil...

27/02/2013

SALTOS DO PARANÁ

Prudentópolis não cabe numa crônica: é por isso que volto ao tema. Para além de suas belezas ucranianas, esta terra é conhecida pelas cachoeiras gigantes e pela festa nacional do feijão preto, em agosto. Como viajei no carnaval, deixei de conhecer a hiperbólica feijoada (que, dizem, já entrou nos recordes) – mas, em compensação, tirei um dia inteiro para andar pela zona rural. Avisei ao guia do meu interesse por igrejas bizantinas, incrustadas nas áreas agrícolas e faxinais. Óbvio, porém, que não fiquei imune aos encantos da paisagem.

Aprendi a distinguir as cores das plantações de soja, café e fumo. “As folhas do fumo são amarelas; depois de colhido, o produto vai para a estufa até ficar seco e quebradiço. Em seguida, a empresa tabagista lhe acrescenta umas quinhentas substâncias cancerígenas e o prepara para a venda” – comentou o guia, enquanto acelerava o jipe. Estávamos a caminho do Salto São João, passando pelo povoado Galícia, com sua bela igreja de São Miguel em frente a uma casa de jardim colorido por hortênsias e crianças loiras.

Enchi meus olhos com outras flores, dalias, girassóis – e mais eucaliptos e pinheiros às margens do caminho. Rumo ao Salto São Sebastião, plantações de milho nas encostas íngremes deram origem à expressão “plantar com espingarda e colher com laço”, mostrando o esforço de semear em ângulos tão difíceis. Mas aquela era a Serra da Esperança, então tudo podia acontecer, inclusive o aparecimento da Igreja da Transfiguração de Nosso Senhor, redonda, com cinco cúpulas brilhando de luxo numa zona agrícola...

Estava chovendo, e a trilha que nos levava à principal atração, o Salto São Francisco, cobriu-se de lama. Eu me agarrava a galhos e pedras, tentando não voltar com uma fratura exposta. Em certa altura do trecho,

usei um cajado como bengala, sentindo-me uma espécie de feiticeira e lembrando que Visconde de Taunay por ali passara em 1886, também debaixo de forte chuva. Tentava me motivar, pensando que o autor de *Inocência* avançara por 6 km a pé “em local muito escabroso e difícil”, conforme escreveu no livro *Paisagens brasileiras*.

Quando finalmente contemplei o Salto gigante, com quase duzentos metros de queda, senti o êxtase do viajante realizado. Num segundo, a neblina se desfez, abrindo a visão da chapada com seu véu de água interminável. Aí a natureza me disse coisas na linguagem da imensidão – que, ao contrário do que se pensa, é muito discreta e suave.

13/03/2013

UMA SEMANA EM SAMPA

O motivo inicial era assistir à linda peça *O trem das onze*, uma nova adaptação que o Lucas Sancho fez, do meu livro *Linha Férrea* – mas é claro que achei vários pretextos para visitar São Paulo. Experimentei a cidade como nunca havia feito: participei da passeata “Fora, Feliciano”, fui a um ensaio de concerto (para ouvir a missa glagolítica de Leos Janáček, sob a regência de Osmo Vänskä), empolguei-me com os páreos do Jóquei Clube (apesar de não ter ganho qualquer aposta) e me passei por arquiteta para entrar na Vila Penteado.

Óbvio que também fui a museus – e lá estavam Monet, Rembrandt, Goya e Velázquez, quase me pondo de joelhos em pleno Masp. No Ibirapuera, depois de ser ameaçada por uma mãe-cisne (eu fotografava os seus filhotes muito de perto), entrei na Oca, onde os “tesouros do Vaticano” se exibiam: pinturas e bustos de papas, galhetas preciosíssimas e casulas bordadas a ouro, póxides e missais. Isso aconteceu justamente no dia em que o argentino Francisco fazia os jornais do mundo inteiro ficarem idênticos.

“Vou te comprar um bebezinho da Seven Boys”, disse o meu namorado, e por um segundo pensei em tráfico de crianças ou, na melhor das hipóteses, um boneco infantilóide que eu deveria aceitar, com um sorriso. Felizmente, aquele era apenas o termo paulista para indicar um bolinho de mel ou maçã. Em culinária, aliás, São Paulo é uma coisa à parte: da boa pizza com os amigos até o *shimeji* na Liberdade, tudo merece elogios enfáticos. A capital dos excessos deve estar acostumada – o superlativo anda nos metrôs, com as enchentes humanas pontilhando escadas; a hipérbole agiganta prédios espelhados, de lojas e serviços incalculáveis.

Mas eu estava interessada na cidade histórica, principalmente. Havia começado o itinerário pelo cemitério da Consolação, onde Álvares de Azevedo transitava (e talvez hoje ali passe, como fantasma). O mapa indicou os locais em que Mário e Oswald de Andrade, Lobato, Tarsila do Amaral e Paulo Emílio Salles Gomes foram enterrados. Este último, cineasta, foi o grande companheiro de Lygia Fagundes Telles. Em homenagem a ela, visitei também a Faculdade de Direito do Largo São Francisco – a San Fran –, onde Lygia estudou. Na praça, conforme os relatos da escritora, notei a placa comemorativa ao Álvares de Azevedo, mas com a cabeça trocada pela de outro romântico, Fagundes Varela. E, como as nuvens conspiram a favor, quando saía da Catedral, meio estonteada com as abóbadas longuíssimas, ainda encontrei a sede da OAB que traz o nome de Goffredo Telles, o primeiro marido de Lygia...

Em Sampa também vi ótimos filmes, topei com uma escultura da Louise Bourgeois, um painel dos Gêmeos, um desfile de naturiciclismo – tudo isso em cinco dias. Mas a cidade é tão intensa que, se agora eu lá voltasse, descobriria outros inesgotáveis temas de susto e aprendizado.

27/03/2013

DESCULPAS ESFARRAPADAS

Experimente, por exemplo, dizer para uma amiga que não irá fazer um curso de salsa e merengue, apesar de toda a insistência dela – e apresente as razões verdadeiras: você não gosta dos ritmos, já passou da idade de se submeter ao ridículo, tem preguiça etc. A amiga ficará inconformada, achando que os motivos são mesquinhos e você simplesmente não quer acompanhá-la. Se, ao contrário, você inventar que salsa e merengue são danças que o ortopedista lhe proibiu, terá suas desculpas aceitas com facilidade.

Recentemente, li uma pesquisa comprovando o índice de sucesso de justificativas incomuns, em relacionamentos de vários modelos: sentimentais, familiares, profissionais... Parece que quanto mais formidável a recusa, mais chances tem o seu autor de ser perdoado. A pesquisa não revela se isso acontece porque a criatividade é vista como um tipo de loucura, e as pessoas passam a ser evitadas – o que pode ser confundido com uma atitude de respeito, dependendo do caso. Mas tomemos como evidência o episódio com uma professora que foi minha colega de trabalho, anos atrás. Ela sempre justificava a necessidade de sair das reuniões dizendo que tinha programado suas lentes de contato para durarem duas horas; depois disso, elas derreteriam. Ninguém dava muita atenção àquela história, mas certo dia (durante uma palestra demorada) um líquido gelatinoso começou a escorrer pelas faces da mulher. A direção do colégio teve medo de um processo judicial, e o resultado é que a professora ficou liberada dos encontros pedagógicos, porque “corria risco de cegueira”! Óbvio que ela jamais revelou qual o truque com as lentes, e essa foi a desculpa mais perfeita e convincente que testemunhei.

Como não tenho um bom repertório de negativas nem presença de espírito, utilizo na maioria das vezes o silêncio – porque também, com

ele, não me acusam de mentir. O silêncio, claro, não diz nada, mas para algumas pessoas parece indicar a verdade. E, nesta época em que as intenções valem mais que as ações, às vezes acontecem milagres! Dependendo do número de convidados e da bagunça reinante no local, as pessoas podem até nos confundir com gente parecida e acreditar sinceramente que estivemos lá...

Recordo sem culpa todas as ocasiões em que usei doenças fictícias ou situações imprevistas (acidente de trânsito, pneu furado, incêndio na vizinhança) para não comparecer a atividades compulsórias. Que atire a primeira pedra o leitor que nunca criou mentiras para se livrar certo compromisso incômodo ou obrigatório. Na falta de uma pedra, vale interromper a leitura desta página de jornal para reduzi-la a uma bola, que se arremessa com um alegre piparote.

10/04/2013

O ESPETÁCULO DA MORTE

De vez em quando reflito sobre esse tipo de mercado que justifica tantas iniciativas estranhas, desde funerais luxuosos (com *salões da memória* virtuais e videolápides) até crimes que geram lucro: autobiografias de assassinos e filmes, além do comércio – ilegal, mas corriqueiro – de objetos macabros transformados em relíquias. É fato que a morte virou tema de mistério e tabu, e talvez isso estimule o prazer ou a necessidade de esmiuçá-la. Na modernidade, perdemos o direito de morrer em casa; saímos do ambiente afetivo para um território de neutralidade hospitalar – e, como consequência, ficamos entregues a uma transição cada vez mais desconhecida e solitária. Daí porque (é uma hipótese) alguns se entregam a curiosidades mórbidas, fixações trágicas, num anseio por investigar um assunto que parece fugidio. Em determinado lugar está o sujeito que lucra com isso, vendo na morte – dos outros, claro – um filão inesgotável.

Mas pode-se ter um aspecto positivo nessa exploração. Alguns argumentam que exposições dedicadas ao tema (como a que ocorreu em 2008, em Dresden) desmitificam a morte, tornando-a mais conhecida e, portanto, menos temível (será?). Outros continuam achando essas atitudes polêmicas, como no caso das múmias colocadas em museus. Qual o tratamento mais adequado a elas – enquanto objeto de contemplação ou interesse científico? Há quem justifique o seu exame para fins unicamente intelectuais, com as múmias acessíveis somente a egiptólogos e demais pesquisadores de apuro arqueológico. O visitante comum teria de inibir sua curiosidade, pois colocar um cadáver (por mais remoto que seja) como “peça de exibição” seria obsceno.

A sagração do corpo morto é assunto fértil em muitas sociedades, enquanto outras simplesmente ignoram o potencial de respeito que um defunto poderia inspirar. Também épocas específicas, de grandes

pestes ou catástrofes, veem a urgência falar mais alto que a dignidade: criam-se valas comuns, enterros apressados, cremações coletivas como opção higiênica (pois o corpo do parente morto, por mais chorado que seja, depois de um tempo vira peste biológica para os viventes). E surgem os sepultamentos anônimos, prática hoje usual na Suíça e na Alemanha. As cinzas são dispersas em florestas, a saudade dissolvida na terra – sem necessidade de criar monumentos, jazigos em que os restos se aprisionam como em jaulas, conservando uma suposta identidade que a família deve, periodicamente, prantear.

Mas a necessidade da memória talvez seja mais forte que a ideia de liberdade. Se para mim é poético pensar em mortos dissolvidos em pó pela atmosfera, sei que muitos se revoltam com a perspectiva de perder o último resquício, a ossatura que é testemunho de uma vivência. Os esforços para deixar um rastro servem, afinal, à mais humana das características: a vaidade.

24/04/2013

TATUAGENS SECRETAS

Já vai longe o período contestador em que a rebeldia se manifestava através de tatuagens. Numa era em que alargadores de orelha, próteses e implantes subcutâneos disputam atenção, a pintura corporal dificilmente assombra. Penso, por exemplo, no caso de um artista que se cobriu com desenhos de serpente, caveiras, dragões e outros símbolos de violência – apenas para perceber que continuava tão inexpressivo quanto na época em que era um adolescente pesando 58 quilos. Desesperado, ele fez mais um esforço para se sobressair: deu um tiro no próprio pé, raspou a cabeça e tentou o suicídio com anabolizantes. A *performance* lhe rendeu uma citação na CACA – Coletânea de Arte Contemporânea Ativa – mas não foi além disso.

Entretanto, se nos tempos atuais a tatuagem perdeu em gesto político e pasmo estético, ao menos continua válida aos que querem marcas definitivas de suas paixões. Dentro dessa linha, estão na moda as inscrições reclusas, que ficam sob a roupa, debaixo dos cabelos ou em algum lugar habitualmente escondido. Ouvi o relato de um casal que compartilhava de idêntico fervor literário e, assim, cada qual decidiu tatuar versos favoritos pelo corpo. Fizeram isso antes de se conhecer – então imaginem o fascínio do rapaz quando decifrou o Guimarães Rosa de “Nonada” ao redor do umbigo da moça. Continuou a despi-la, para encontrar o camoniano “Amor é fogo que arde sem se ver”, sugestivamente inscrito sobre as nádegas. Ela também se empolgou, ao constatar que o rapaz trazia um Drummond no lado interno de uma das coxas: “Que pode uma criatura, senão, entre criaturas, amar?” Acima da virilha, ele havia posto um Augusto dos Anjos que a fez sorrir com malícia – o “Monstro de escuridão e rutilância” era um ótimo par para o seu Jorge de Lima (“Essa negra Fulô!”) rabiscado no baixo-ventre...

A história desse casal é poética em explicitudes, embora eles argumentem que fora da cama ninguém suspeita de suas preferências líricas ou eróticas. De qualquer modo, muito mais misteriosa foi a tatuagem encontrada numa freira canadense, que morreu dentro de um convento onde estivera confinada desde os 15 anos, em rigorosa reclusão. Conta-se que descobriram, por ocasião da limpeza em seu cadáver, uma frase acima do seio esquerdo: “Je me souviens” – “Eu me lembro”, em francês. A primeira interpretação apontou um fervor patriótico que teria levado a freirinha a reproduzir no peito a divisa oficial do Québec. Suas irmãs religiosas, porém, aventaram um motivo mundano para que ela gravasse no corpo um tipo de memória que já não podia reviver (embora ainda neste ponto haja controvérsias; afinal, quando e como sua tatuagem – tão *profissional* – teria sido feita?). Sob os hábitos, persistem segredos inconfessos.

Agora, quando vejo os transeuntes passando, sempre imagino ornamentos, cores e letras que os transformam em secretos letreiros. Mas pode ser que esteja exagerando; até os camaleões têm seus dias de fechar os olhos e sonhar que o mundo é neutro.

08/05/2013

NÃO IRRITE UM CROATA

Meu amigo Renato planeja sua primeira viagem à Croácia e, quando eu demonstrei interesse por saber mais sobre o país, ele me emprestou um guia de viagens, recomendando: “Leia como se fosse uma obra ficcional”. Ora, nem com esta advertência o susto foi menor! Comecei aprendendo que as praias croatas são um paraíso para nudistas desde a época em que Eduardo VIII tirou a roupa no litoral de Rab. A presença da *tradição* também comanda a paisagem, com suas vilas medievais e festejos. Dizem que todos os anos, no dia 1º de abril, a cidade de Ludbreg faz jorrar vinho de sua fonte principal, em vez de água. Isso pode bem ser mentira, mas é fato incontestável que existe uma imperdível *rota do vinho* da Eslavônia e de Medimurje!

Para se deliciar com a culinária, há muitas opções – mas ponho-me a sonhar com o cogumelo que cresce nas florestas da Ístria. Nas Ilhas Brijuni, a caça às trufas e aspargos selvagens seduz pela experiência inusitada. Quer provar uma *grappa* caseira, com sabor de cacto, urtiga ou sálvia? É possível fazer isso em Vis, que ainda oferece uma excursão por locais abandonados pelo Exército Nacional Iugoslavo: depósitos de foguetes, bunkers e abrigos nucleares.

A imponência histórica se vê nos castelos medievais de Zagorje e, claro, no Palácio de Diocleciano, em Split. Antes de entrar no palácio, devemos esfregar o dedão da estátua de Grgur Ninski, pois dá sorte. E, por falar em estátuas, em Hum o Corredor Glagolítico é assim chamado por ostentar onze esculturas comemorativas deste alfabeto. Estremeço só de pensar – e continuo trêmula, ao ler sobre a Península Verudela e, mais além, a Península Premantura, com seu parque e o cabo de Kamenjak. Se as palavras prometem coisas, esses nomes para mim são pura mágica!

O turista na Croácia pode se engajar em atividades voluntárias. Talvez eu escolhesse participar da proteção aos abutres-fouveiros, ajudando a alimentá-los em locais específicos (e com bastante cuidado para não ser arrebatada pelas poderosas garras desta ave, que consegue carregar alguém para um passeio aéreo – forçado – pelo Adriático!). A espécie está em extinção, e uma pessoa que se arrisque a *incomodar* um destes bichos paga multa de até 5 mil euros. Existe ainda a opção de trabalhar no refúgio Kuterevo, para jovens ursos órfãos – e creio que a simpatia dos mamíferos me faria optar por eles. De qualquer forma, na Croácia não deve faltar contato com animais – sobretudo com os simpáticos cães dálmatas, possivelmente originários da Dalmácia. Ver um deles sempre me dá vontade de tomar sorvete de flocos. A sorte é que o *sladoled* (sorvete) croata é um dos melhores do mundo...

O manual turístico termina com recomendações para evitar deslizes culturais. Na Croácia, não se costuma falar muito sobre a guerra recente. E os croatas também se consideram mais ocidentais do que os bósnios e sérvios – portanto, referências geográficas podem irritá-los. De todo modo, se para lá eu viajasse, não resistiria a pegar um ônibus de Dubrovnik para outro país, Montenegro. Seria uma escolha emotiva, óbvio, mas eu estaria a um passo dos Bálcãs e não conseguiria resistir.

22/05/2013

VELHOS CASAIS

Faz um tempo que observo os velhos casais. Estudo suas atitudes, embora sem interesse premeditado: simplesmente acontece de eu estar num local, num evento qualquer, e sou apresentada a uma dupla típica. Fico sabendo que são casados há vinte ou trinta anos, sou informada de suas profissões, e aos poucos crio familiaridade com seus trejeitos. Embora sejam várias pessoas, de círculos de convívio distintos, percebo nelas muitas constantes de comportamento – algumas cruéis, que me levam a refletir.

Há, por exemplo, um aspecto controlador nas esposas, algo que me põe constrangida. Vigiam a dieta do marido, regulam suas atitudes como se lidassem com crianças ou homens estúpidos. Elas não beijam mais o companheiro – parece que mal o toleram e talvez sintam certa repugnância, que disfarçam ao investir em acessórios para o apartamento ou para si mesmas. Fazem inúmeros tratamentos cosméticos e (embora nunca rejuvenesçam totalmente) são belas, mas isso as torna ainda mais infelizes. Sentem que desperdiçam cada esforço estético com um homem que não desejam. Pode ser que se divirtam em ocasionais adultérios, mas em geral permanecem casadas por convenção. Gostam de se encontrar com amigas, para disputarem juízos secretos sobre as próprias aparências. O máximo regozijo aparece quando notam o envelhecimento da colega – e nesse dia, é possível que chamem o marido de “meu amor”.

A diferença entre estas mulheres e seus homens é que elas parecem morder uma constante frustração, enquanto eles têm um ar pacífico, seja por resignação ou por verdadeira paz. Parece que vivem melhor, tranquilos sob as ordens e aflições domésticas. Consolam-se com fugidinhas (que podem ser amorosas, mas nunca dentro do sentimento de

vingança e desforra com que as esposas conseguem seus amantes), com o futebol ou alguma extravagância na dieta.

Eu me identifico com o temperamento deles; quero ser assim. Deus me livre de virar uma “fiscal do lar”, regulando falhas na decoração ou no cardápio. Longe de mim ter uma preocupação severa com a saúde de meu companheiro. Se me relaciono com um adulto, acho estranho infantilizá-lo. Na verdade, creio que o “amor maternal” que as mulheres supostamente direcionam aos maridos é, quase sempre, um “amor sem paciência”, que sinaliza o fim do romantismo e da libido. Quando se perde a paciência com o parceiro, é porque um pouco antes foi preciso *ter e manter* essa paciência, sustentá-la com esforço, até que não desse mais. Isso já é destruição, sinal de que o afeto espontâneo, tão docemente despreocupado, cedeu lugar a uma tolerância que vive por um fio...

Existe consolo ao lembrar que há exceções? Sim, pelo menos um pouco de alívio! Conheci também casais que souberam envelhecer juntos, com um amor profundo e ocasionalmente erótico. Esses têm voz doce e andam de mãos dadas: vão trêmulos não pela idade, mas pelo carinho que sentem palpitar, como se ainda fossem dois namorados.

05/06/2013

AMOR EM EXCESSO

Quando a gente pensa que já não acontecem histórias incríveis, a realidade nos desmente. Na semana anterior, fiquei sabendo a respeito de uma paixão lendária em nossa cidade: um casal tornou-se tão embevecido de amor, que os dois literalmente capturaram os bons sentimentos ao seu redor.

Durante muito tempo eles passaram incólumes, sugando a *energia emotiva* dos bairros por onde andavam. As pessoas continuaram se relacionando sem perceber a frieza instalada, a falta de vibração, arrepios, saudade – era como se nada disso existisse. Somente aquele casal vivia as ansiedades do amor, e de tal maneira se entusiasmavam com beijos, abraços e outras tentativas de fusão física, que consumiam toda a carga afetiva antes espalhada entre vários indivíduos.

Foram descobertos por ocasião do recente dia dos namorados. Enquanto diversos pares cumpriam pretensos jantares românticos ou compareciam às reservas feitas nos motéis, um homem e uma mulher eram os únicos a realmente se amar. Não podiam deixar de chamar a atenção, ao caminharem por uma praça: testemunhas viram seus olhos faiscando de desejo, e das mãos unidas parecia transbordar um facho vibrante, agarrando aquele sentimento mútuo, porém terrivelmente egoísta. Por causa de ambos, ninguém mais se amava, não havia equilíbrio possível.

As autoridades religiosas e políticas resolveram se livrar dos acusados. Uma ordem de exílio os condenou à deriva num barco, em pleno oceano Atlântico. Antes dessa opção extrema, militares tentaram extraviá-los para outra cidade ou país, mas ninguém os aceitou. Em qualquer lugar onde estivessem, os dois absorveriam todo o amor disponível. Num barco, sozinhos, talvez eles se curassem.

Não foi, entretanto, o que aconteceu. Em alto-mar, a simples presença deles faz com que peixes e gaivotas, num raio de dez quilômetros, parem de produzir ovos: os bichos entram numa esterilidade contemplativa, ofuscados por aquele amor extremo. Pelas redes sociais da internet, agora começa uma mobilização para trazer de volta o casal. Foi sugerido um protesto em forma de greve, envolvendo filatelistas, poetas e observadores de pássaros. Eles prometem parar suas atividades, caso a dupla amorosa não seja reconhecida como símbolo essencial – e jamais maldição – da humanidade.

27/06/2013

CRÔNICA DE JERI

No meio da semana atípica – com feriado de Copa e protestos pelo país – desapareci com meu namorado por três dias. Jericoacoara é perfeita para quem busca fugir dos problemas ou da mídia. Eu bem sei o quanto preciso recordar que também sou bicho, corpo feliz a se esbaldar dentro de um lago, ofegante ao subir dunas ao sol, ou no mormaço preguiçoso de um sono calmo...

Para chegar ao céu, entretanto, havemos de fazer sacrifícios. No caso de Jeri, o traslado inclui cinco horas de estrada, e a última delas acontece em pau de arara (com todos os solavancos inclusos), a partir de Jijoca. Na antiga vila de pescadores, hoje conhecida pelo turismo, o sossego ainda existe – pelo menos fora da alta estação.

Recomendaram-me o passeio à Pedra Furada, mas, se não fosse pela paisagem, isso seria mesmo uma verdadeira *furada*. A pedra não é muito estonteante para quem já viu os monólitos de Quixadá ou as falésias de Canoa Quebrada, e as pessoas tiram um pouco da graça do local ao se fotografarem obsessivamente, em poses pseudossensuais. Mas a caminhada vale a pena pelas grandes elevações verdes que se abrem repentinas para o mar, e depois para um chão cheio de rochas e búzios. É preciso tomar cuidado na subida do retorno, que já deve ter feito centenas de paraplégicos – mas o pôr do sol compensa o risco da escalada. No resto do caminho, porém, pode-se tomar uma charrete – escolha abençoada no meu caso, pois alguns metros adiante fiquei a salvo de uma vaca parida, que estava justamente correndo atrás das pessoas que iam a pé, pela estrada.

Não quis dispensar uma visita a Tatajuba, e soube como a vila velha foi coberta – ou *subterrada*, no dizer do guia local – há 50 anos, pela areia. Atravessamos de buggy uma área embaixo da qual existem pelo menos quinze casas de pescadores ancestrais. Conheci a Duna Encantada,

onde os nativos percebem luzes e sons misteriosos. Um geólogo especializado na medição do movimento de dunas explicou-me o seu ofício, e um funcionário do projeto Tamar falou da época de nascimento das tartarugas, quando o caminho é bloqueado e o tempo de espera dos carros chega a duas horas e trinta minutos, até que a última tartaruginha enfim rompa seu ovo e vá no rastro das irmãs, em direção à água.

O ritmo lento também é a principal lição de Jericoacoara. Anda-se obrigatoriamente pela areia, pois não existe asfalto ou qualquer espécie de piso artificial nas ruas. É como se a praia invadisse restaurantes, lojas e casas (e não o contrário), forçando o transeunte a um passo vagaroso, imprescindível à contemplação. E assim deixamos rastros: cada pisada de adulto, criança ou cão contribui para o desenho movediço de sulcos e elevações – um tipo de mensagem extra? Realmente eu acredito que, com calma e consciência, cada criatura imprime as suas marcas. Efêmeras que sejam, elas estão aí, sobre o mundo.

03/07/2013

SÓSIAS

Devo ter um rosto *muito comum*: essa é a única justificativa para o fato de ser costumeiramente abordada por desconhecidos, homens e mulheres a me perguntar se não sou parenta de Fulana, irmã, prima ou filha de não sei quem – e quando respondo com uma negativa, ficam bastante assombrados: “Mas você é a cara dela!” Suponho que qualquer mulher branca, de cabelos pretos e lisos, com sobrancelhas meio lobatianas, deva se parecer comigo, de forma que não dou importância a esses comentários. Na maioria dos casos, inclusive, a semelhança está numa relação singularíssima que o observador faz.

O fato é que fisionomias próximas entre pessoas que não pertencem à mesma família são sempre algo curioso. Há quem encontre conforto nos traços de reconhecimento, por mais aleatórios que sejam. Lembro que certa vez um aluno se indignou porque eu havia cortado o cabelo: “Agora a senhora não está mais parecida com a Marisa Monte!” Ora, jamais supus que houvesse qualquer identidade física entre mim e a cantora – além do semiparentesco de nossos sobrenomes, creio que só compartilhamos da preferência pelo batom vermelho. Quanto à voz, desafortunadamente não pareço em nada com ela...

Mas esse fetiche de fingir estar na presença de outra pessoa graças ao aspecto similar de alguém, eu própria já exercitei. Costumava ir a um salão de beleza apenas para ser atendida por uma pedicure idêntica à Clarice Lispector. Da primeira vez em que aqueles olhos oblíquos se curvaram diante de meus pés e reconheci as maçãs do rosto salientes, iguais às da autora, quase fugi. A custo consegui relaxar, mas passei todo o tempo lembrando frases que poderiam despertar a Clarice adormecida naquele ofício tão simples. Depois de comprovar que a moça definitivamente não era a escritora reencarnada, continuei frequentando o salão por brincadeira.

Cheguei inclusive a levar amigas, que também se divertiram pensando que era a Lispector quem lhes lixava os calcanhares.

Nos últimos meses vivo uma sensação parecida no restaurante onde almoço. Um dos garçons é absolutamente igual a Kafka, nos seus vinte anos. Quando vem me estender o cardápio, imagino que são os originais de um livro que me entrega em segredo. Creio perceber uma ansiedade nos seus olhos, nos pômulos largos e até nas orelhas um pouco grandes, que o corte de cabelo ressalta. Tenho vontade de lhe dizer que sossegue, pois será um autor reconhecido e na posteridade estará livre das maldições burocráticas que – tanto quanto a tuberculose – o perseguem. Ele, porém, tal como a pedicure clariceana, não me entenderia.

Por distração, continuo buscando substitutos de artistas. Quero encontrar por aí o rosto de Tchékhov, de Nijinski ou Baudelaire: eles podem estar em qualquer canto, num consultório médico ou numa oficina mecânica. Quem sabe Villa-Lobos retorne no aspecto de um senhor impetuoso que acaba de entrar no mercadinho – ou Gustav Klimt seja agora esse farmacêutico gordo, que me vende umas aspirinas? Eu me mantereí silenciosa mas contente por revê-los, esses sócias que dão à existência uma feição de eternidade.

17/07/2013

O QUE ELAS QUEREM

Recentemente, uma situação lembrou-me de que ainda existe certa mentalidade bastante confusa nas mulheres contemporâneas. Numa reunião que era para ser profissional, de repente percebi várias colegas discutindo relacionamentos amorosos. Uma delas afirmou literalmente que estava *procurando marido* e, para isso, resolveu investir num curso de corte e costura. Juro que não entendi a conexão entre as duas coisas, mas creio que fui a única; todo mundo assentiu com a cabeça, e no minuto seguinte mais uma mulher se pronunciava, para admitir a sua “parcela de culpa” pelo fato de o marido ter se apaixonado por outra. Segundo ela, o desleixo das esposas, que começam a dormir de pijama de algodão, é fatal. Na mesma linha de raciocínio, uma terceira colega passou a dica de um “Viagra natural” (sementes de melancia, caso alguém queira anotar) e disse que aproveitaria sua licença de doutorado para também fazer um curso de culinária.

O que eu me perguntava loucamente, durante o desenvolvimento desse tema, era algo muito simples: por que as mulheres continuam a ver as relações como um *investimento*? Elas planejam estratégias e armadilhas de sedução como se apostassem na bolsa de valores, com risco calculado e taxas sob vigilância. Isso me dá a sensação de que existe pouquíssima espontaneidade e cada gesto amoroso não passa de um estágio com vistas ao objetivo supremo: a conquista do parceiro. Essa conquista ocorre como um ritual ou um tipo de hipnose – quando o homem menos espera, está laçado, engolido pela serpente. À mulher, resta a fria função de manter seus feitiços e estratagemas, cuidando do casamento com o mesmo afã de um funcionário que preserva o emprego.

Parece óbvio que tal mentalidade é um resquício da época (não tão distante) em que as mulheres eram sustentadas pelos homens e, de fato,

por uma questão de sobrevivência, precisavam desenvolver suas prendas e dotes comportamentais, tornando-se verdadeiras atrizes dentro de casa, fingindo desde a paciência até o orgasmo. Mas agora que somos independentes e livres, qual a razão para essa atitude? Apesar da autonomia material, trabalhista, geográfica etc – por que as mulheres parecem não se entregar de um jeito sincero às paixões? Por que continuam preferindo conquistar a serem conquistadas? E, sobretudo, por que acham que sua importância no mundo está associada ao fato de terem ou não filhos, de serem ou não capazes de “sustentar um relacionamento”?

Existe um descompasso terrível entre o que as mulheres hoje são e o modo como elas se sentem. Revistas femininas e comédias românticas giram ao redor de assuntos repetidamente conjugais, para reforçar conceitos antigos ao mesmo tempo em que a sociedade exige atitudes modernas. Um paradoxo desses não pode ser digerido com facilidade – e talvez essa seja uma das causas do conflito íntimo de tantas mulheres.

31/07/2013

TODOS OS SANTOS

O *turismo de aventura* que enfrentei na Bahia, em agosto, justificou que eu chegasse no último dia a Salvador agradecendo a todos os santos pela integridade física, que a duras penas conservei. Não por acaso, a agência turística havia solicitado a minha assinatura de um “termo de conhecimento de riscos”, junto com o preenchimento de um questionário imenso, que indagava sobre mil tipos de alergias, câimbras e micoses que eu pudesse ter. No meio das incontáveis perguntas, havia uma voltada para homens: “Já serviu ao exército?” Meu namorado respondeu – no questionário dele – que sim, e acrescentou ter feito o *ralo da boina* com grande ímpeto de bravura.

O questionário prosseguia, querendo saber da nossa experiência com natação em pântanos e equilíbrio na areia movediça. Perguntava se já tínhamos disputado um cacho de bananas com uma família de macacos – e o mais importante: vencemos? Eu marcava os itens com a impressão de que seria reprovada na seleção para o passeio. Fiz um xis para assinalar que temia insetos peçonhentos e outro para assegurar que não, não levava comigo o antídoto para o veneno do *Phyllobates Terribilis* – será que poderiam adicionar um frasco na bagagem? De toda maneira, eu teria cuidado com sapos de aparência carnavalesca...

Depois de trilhas e escaladas entre três pequenas cidades – Igatu, Mucugê e Ibicoara – a parte pavorosa chegou ao fim. O Morro do Pai Inácio, em Lençóis, pareceu uma subida modesta para quem tinha enfrentado um treino tão árduo. Felizmente, a culinária (além da paisagem estonteante) nos consolava: bolinhos de chuva e sequilhos no café da manhã, suco de melancia ou mangaba – e o principal: um almoço com godó de banana e picadinho de palma. Pela primeira vez, eu tive vontade de

aprender a cozinhar... Quem diria que isso ia acontecer na Bahia? E não foi com acarajé!

Pisando em Salvador, tive uma hora de redenção; do alto do Farol da Barra, dei graças aos céus. Evoé, meu São Gregório de Matos, por esta beleza toda! Evoé, meu São Castro Alves em gesto-poderoso de estátua! E os outros divinos que por ali passaram: Pierre Verger, Caymmi, Jorge Amado, Zélia Gattai (fotógrafa!), Padre Vieira com seus sermões ainda ardentes no púlpito... A vibração explodiu com o Olodum no Pelourinho, descendo a ladeira sob a imagem em *display* do Michael Jackson na sacada de uma loja. Já estava bem perto de eu pegar o avião de volta – mas não me despedi sem levar para Fortaleza as bênçãos de Obá e Iansã.

25/09/2013

AS ILHAS

Caro leitor: esta é mais uma de minhas crônicas de viagem – mas, ao mesmo tempo, é diferente de todas as outras por ser a primeira que escrevo *viajando*. Desta vez não houve tempo para decantar as impressões ou selecionar episódios com um fio temático específico, costurando figuras e paisagens pelo artifício da memória. Estou na Alemanha, numa fria madrugada de domingo, pensando no fiel leitor e tentando ser uma fidelíssima autora, que honra seus prazos literários. Que outro motivo me faria abdicar do sono para escrever dentro de um hotel com vista para a Alexanderplatz?

Revejo algumas situações engraçadas... e em viagens sempre há cenas bizarras. Para falar a verdade, a coisa já começou no avião, com uma aeromoça de expressão robótica que não parava de circular com um bule, oferecendo em inglês – e com uma entonação apressada de quem alimenta galinhas – “Tea? Tea? Tea?” Depois, na minha chegada em Frankfurt, descobri, na Goethe Haus, um elemento de fetiche no teatrinho de fantoches que o autor alemão ganhara na infância. Ele continuou a usar o brinquedo pela vida adulta, nos momentos de ócio, quando não estava levando seus personagens para o suicídio ou o pacto satânico. E, por falar em obscuridades, a questão linguística está sendo uma diversão por aqui: com um trôpego inglês e a ajuda da mímica universal, eu até me comunico com os alemães – mas, mesmo assim, há estranhezas. Ontem alguém pronunciou *South America*, e tive a impressão de que dizia *Satan American* – o que foi bastante assustador.

Confusões à parte, o tema desta crônica merecia ser outro, bem mais sublime – se eu estivesse com tempo para desenvolvê-lo dignamente. Falaria sobre a Ilha dos Museus, a Museumsinsel, em Berlim. Teceria detalhes sobre as horas que passei conhecendo pintores alemães como Max

Liebermann, Gustav Spangenberg, Fritz Von Uhde e Carl Spitzewg. Descreveria a sensação trêmula que se tem diante de uma tela de Caspar David Friedrich, ou a doce melancolia das catedrais góticas pintadas por Karl Friedrich Schinkel.

Talvez eu dedicasse um parágrafo – o último – ao Neues Museum. A sua coleção egípcia é riquíssima, com sarcófagos antropomórficos, estelas e relevos funerários, e muitas, muitas estátuas. Quer conhecer a Esfinge de Schepenupet II, esposa do deus Amon, representado pela figura de um carneiro? Está lá. Tem curiosidade por ver a cabeça de Nefertiti e constatar que um de seus olhos não faz falta? Pois essa é a chance. Além disso, no acervo há inúmeras representações de Bastet, e agora eu percebo por que adoro os egípcios: eles já sabiam que os gatos são deuses. A saudade de casa começa pelos felinos, e daí eu me fragmento ainda mais, penso em outras ilhas, fora da arte e da geografia... São três da manhã; sorte que esta crônica termina aqui.

09/10/2013

JANTAR COM BRECHT

Além das inúmeras atrações museológicas de Berlim e dos passeios por suas pontes com paisagem de outono, um ponto inesquecível da minha viagem foi a casa de Brecht. Fora do circuito turístico, a residência do dramaturgo alemão hoje se abre para visitação, e toda noite funciona ali, nos porões onde havia a cozinha de Helene, um restaurante peculiar.

O cardápio lista os pratos que a esposa do poeta lhe preparava – e é algo quase místico pedir uma refei o naquele ambiente. Sentei-me a uma mesa de cinco pontas: uma daquelas de carteado, onde Brecht possivelmente jogava com os amigos. A mobília parece autêntica, assim como as luminárias, que são verdadeiros *spots* (retirados dos teatros onde Brecht estreou?), suspensos como lustres. Nas paredes, há retratos do artista e textos musicais em moldura. Várias caixinhas simulam palcos e composi es c nicas: vemos um teatro em miniatura, à espera de personagens para habitá-lo. Ali estavam os acessórios d’*A  pera dos três vint ns*, e mais adiante se adivinhava a atmosfera de *Santa Joana dos Matadouros* por alguns elementos mínimos, como reprodu es de brincadeira.

Para comer, que tal um *wiener schnitzel*, ou um escalope   vienense? Quem sabe uma carne cozida com salsa de albaricoque e rábano picante? Ou então um gnocchi de Salzburgo – ou um crepe recheado com diversos tipos de quark (seja l  o que isso for)? O menu, mesmo traduzido para o inglês e o espanhol, lançava uma zona de mistério   escolha. Não foi algo preocupante, porém: logo constatei que a comida era excelente e, apesar de no primeiro momento assustar pela fartura de carnes gordurosas, parecia incrivelmente leve. Talvez fosse o clima frio a me exigir quantidades calóricas extras, ou talvez eu estivesse disposta a ousadias

culinárias em nome da arte... não sei ao certo o motivo, mas o fato é que jantei com um apetite impressionante e no dia seguinte acordei me sentindo muito bem!

A Brecht Haus, além de seu restaurante-adega, ainda funciona como espaço cultural, promovendo palestras, lançamentos de livros e outros eventos interessantes. A agenda é bem diversificada, aberta a nomes consagrados ou iniciantes. Aliás, o bom de conhecer um lugar desses é justamente a sensação de se misturar com os ídolos, ter a chance de vê-los como pessoas, com uma vida íntima e trivial inclusive, parecida com a de qualquer um de nós. Pela falta de costume, ainda me assusto com esse impacto: quase desmaiei quando soube que na Literaturhaus Villa Augustin, em Dresden, onde eu fizera uma leitura, também Herta Müller (a maravilhosa autora d'*O compromisso*, Nobel de 2009) havia estado, concedendo uma entrevista.

Mas às vezes os lugares e as épocas não parecem tão inatingíveis. Entramos numa igreja medieval, jantamos na casa de um artista morto há quase sessenta anos, ou subimos ao domo de uma catedral que, em sua cripta, guarda caixões de príncipes do século XVI... Este é um *real acesso* à história, uma forma de entender as experiências alheias e entrar no mundo.

23/10/2013